



Aqui, Verônica se coloca na posição de um peixe envolvido pela rede: a fotógrafa ativista planejou vários autorretratos

NUDEZ E AUTORRETRATOS PELA **causa animal**

A jovem fotógrafa gaúcha Verônica Marques Martins cria série ousada de autorretratos em defesa dos direitos dos animais e ganha destaque no Concurso Portfólio em Foco 2017



O pai a ajudou a construir a gaiola em que ela posa como um ave aprisionada

POR MÁRIO FITTIPALDI

A paixão pelos animais, aliada a uma boa dose de coragem e criatividade, foi o que levou Verônica Marques Martins, de 22 anos, a produzir um ousado ensaio, que foi destaque entre os finalistas do Concurso Portfólio em Foco do Festival de Fotografia Paraty em Foco 2017. Em uma série de autorretratos intitulada *Contraversão*, a jovem fotógrafa gaúcha de São Leopoldo, cidade a 40 km de Porto Alegre, se colocou no lugar de animais para evidenciar maus-tratos a que eles são submetidos no processo de produção de alimentos.

A repercussão foi grande. As imagens foram montadas em uma grande exposição na Praça da Matriz de Paraty, e Verônica chegou a ser alçada à condição

de celebridade, ainda que apenas por alguns dias. “Fui reconhecida na rua, as pessoas me paravam para elogiar o trabalho e falar sobre a questão dos direitos dos animais”, conta. O ensaio também foi muito elogiado por fotógrafos profissionais experientes que participaram do festival, exatamente pela forma como ela se posicionou na defesa dos animais, já que aparece nua nas fotos. “Confesso que estava apreensiva, mas no final o retorno foi muito positivo”, comemora. “O trabalho foi bastante divulgado, especialmente nos jornais aqui de São Leopoldo e até no *Zero Hora*, de Porto Alegre.”

Vegetariana há dez anos e vegana há pelo menos quatro, Verônica se diz apaixonada pelos animais e sempre desejou uma for-

mação profissional que permitisse a ela denunciar o sofrimento deles, especialmente quando explorados para consumo. “Desde criança já pensava em fazer alguma coisa que pudesse, de alguma maneira, estar ligada à causa dos animais”, diz ela. Acabou encontrando na fotografia a maneira de dar voz aos que não têm. “Permitiu que eu juntasse duas paixões”, sintetiza.

Verônica não se interessava por fotografia até os 15 anos de idade. “Só fazia fotos sem compromisso, com o celular mesmo”, lembra. Até que um episódio inusitado mudou tudo. “Encontrei um passarinho que havia caído do ninho, não sei se pelo mau tempo, e vi que ele estava doente”, recorda. Ela o recolheu e resolveu cuidar dele até que pudesse voar. E, nesse proces-



Fotos: Verônica Marques Martins

Preso por uma corda na garganta, ela se passa por um cabrito numa chácara de parentes, que usou de locação para as fotos; abaixo, ela é marcada a ferro como gado

so, acabou se apaixonando pela ave. “Era incrível, o passarinho tinha uma relação maravilhosa não só comigo, mas com todo mundo lá em casa. Gostava de ficar no meu ombro, às vezes pousava na cabeça”, conta. Foi justamente a necessidade de documentar essa interação que despertou nela o desejo de fotografar. “Precisava de uma câmera melhor, então meu pai me

deu uma Fuji compacta com superzoom. Daí, não parei mais”, diz.

O passo seguinte foi se graduar em Fotografia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) de São Leopoldo, o que lhe deu a oportunidade de se aprofundar na técnica fotográfica e, claro, começar a dar voz ao ativismo. Hoje, Verônica fotografa com uma Canon EOS D60 equipada com objetiva Canon 18-135 mm, que às vezes substitui por uma lente fixa de 50 mm.

Entre suas influências, cita o trabalho de Art Wolfe, fotógrafo americano que se notabilizou por seu trabalho em defesa do meio ambiente e das culturas indígenas, e dos cinegrafistas e documentaristas Lawrence Wahba e Cristian Dimitrius, exatamente pelo ativismo de ambos pela causa animal e ambiental.

IDENTIDADE DO BICHO

A ideia de produzir o ensaio *Contraversão* vinha sendo amadurecida há cerca de dois anos, quando Verônica criou, para uma cadeira da sua graduação, um ensaio que chamou de *Destino*. Ela tentou restabelecer a identidade entre um animal e o seu



Nua, ao lado de uma vaca, que apareceu no cenário por pura coincidência; a marca dos cortes de carne no corpo foram feitas no Photoshop



produto correspondente, na forma em que é consumido. Segundo ela, o processo de industrialização fez com que se perdesse a noção de que o alimento é, na realidade, proveniente de um ser vivo. “As pessoas não relacionam a carne cortada e embalada com a vaca ou o porco. Acredito que isso é um grande motivador do consumo de produtos de origem animal. Por isso tentei recuperar essa identidade mostrando o bicho e seu destino, o produto de consumo”, explica.

No entanto, o ensaio não provocou o efeito desejado. Ela diz que, embora tenha achado o resultado tocante, percebeu que outras pessoas, especialmente aquelas não ligadas à causa animal, não se sensibilizavam com as imagens. Passada a frustra-

ção inicial, veio a ideia de se colocar no lugar dos bichos. “Achei que, se vissem um humano na mesma situação humilhante a que são submetidos os animais, o resultado seria mais chocante”, avalia.

Verônica pontua que um dos motivos que a fez optar por autorretratos foi justamente a sua timidez, por mais paradoxal que possa parecer. “Não tinha coragem de pedir para uma modelo posar nua para as fotos”, revela. O jeito foi ela mesma tirar a roupa e encarar as poses. “Tinha um pouco de receio e medo da exposição no começo, mas acabei criando coragem e encarando as cenas”, conforma-se. Ela conta que, por uma questão de empatia, a ideia do autorretrato acabou fazendo sentido.

“E tinha de ser nua. Se eu iria me colocar no lugar dos animais, não poderia estar vestida”, explica.

COM A AJUDA DA MÃE

Para produzir as imagens, contou com a ajuda da mãe, que não se importou nem um pouco com a nudez da filha. “Ao contrário, ela também é vegana. Sabe da importância desse trabalho para a causa animal”, afirma Verônica. “Quem não gostou muito foi o meu pai”, ela brinca, acrescentando que, mesmo assim, até ele acabou ajudando na produção das cenas. “Ele construiu a gaiola que aparece em uma das fotos”, informa.

Segundo ela, a imagem que mais a impactou durante a produção foi a que simula um daqueles pôste-



Ao lado, Verônica como um animal abatido e, mais abaixo, tosqueada como uma ovelha

res de açougue, que dividem o boi em um mapa com a localização de cada tipo de corte. Não só pela força da imagem do seu corpo mapeado, mas pela presença de uma vaca na cena – aliás, algo absolutamente casual. Ela conta que a foto foi produzida em uma chácara de parentes no interior do Rio Grande do Sul, e a vaca foi se aproximando dela durante a produção. “Quando me despi para fazer a foto, ela chegou perto, cheirou as roupas no chão e, em seguida, me cheirou inteira, ficando o tempo todo ao meu lado. Acabou dando mais impacto ainda à cena”, observa. As marcas no corpo foram produzidas depois, no Photoshop.

Outra foto marcante, segundo ela, é a foto em que aparece pendurada de cabeça para baixo, como se fosse uma peça de carne em um frigorífico. Ela primeiro ajustou a câmera no tripé e, com tudo pronto para o disparo, sentou-se no topo de uma escada. “Então, minha mãe amarrou meus pés e tirou a escada para que eu ficasse na posição”, explica. “Todas as fotos foram feitas com disparador remoto, ou com o timer da câmera ligado, dependendo do tipo de imagem”, conta.

Seja pendurada como peça de carne, presa em uma gaiola apertada, acorrentada a um mourão de cerca ou pronta para o abate, Verônica concorda que o trabalho com a fotografia em prol da causa animal está só começando. “Ainda pretendo produzir mais imagens para o *Contraversão*, pois quero participar de mostras e concursos internacionais”, planeja.

Além disso, diz ela, as dificuldades são enormes, especialmente no Rio Grande do Sul, onde a tradição gaúcha do churrasco é muito forte. “O ideal é que, um dia, não seja mais necessário fazer ensaios assim”, afirma. Enquanto isso, ela persegue outro sonho: correr o mundo fotografando animais em seu ambiente natural. Este, aliás, mais factível. ●

